

“VÊ SE ME DESIMBAÇA”: UMA ALUSÃO AO ESQUEMA ÓPTICO E AO GRAFO DO DESEJO

*Paula Cristina Monteiro de Barros
Nanette Zmeri Frej
Maria de Fátima Vilar de Melo*

Era mais um dia de grupo operativo. Como de costume, a resistência de alguns em participar desse espaço em que os adolescentes são convocados a falar. Luís tumultua o grupo e, irritado, sai da sala; derruba e quebra objetos; interfere em outras atividades. Faz xingamentos à instituição e, diante do movimento destrutivo em que se encontra, daquilo que lhe parece insuportável conter, algumas intervenções são feitas, até que, num dado momento, pára, consegue, enfim, endereçar um olhar para quem intervém junto a ele e enuncia: “Vê se me desimbaça!” Ao dizê-lo, Luís encontra-se visivelmente mais calmo e vê-se amenizada, naquele momento, sua destrutividade.

O que se apresenta “embaçado” para Luís e, na figura dele, para crianças e adolescentes em situação de rua, os quais, muitas vezes, num movimento desarticulado e (auto)destrutivo, circulam pelos vários espaços em busca de um lugar possível de endereçamento que os inscreva e os reconheça enquanto sujeitos?

Crianças e adolescentes acometidos, poder-se-ia dizer, por uma “dimensão escópica turva”, os quais, relegados a um lugar – a rua – que lhes revela a faceta mais crua e real da exclusão social, do abandono, da miséria, da violência, denunciam, com essa expressão, que algo lhes escapa, algo que é de mais essencial no olhar, enquanto constitutivo e fundante da subjetividade.

Nas contínuas transgressões, na destrutividade e no dilaceramento em que se encontram, a possível leitura de “gritos de socorro”, de pedidos de continência, de delimitação de fronteiras, do “recurso a uma palavra confiável” (FORGET, 2008). Uma necessária aposta, portanto, para além de toda a crueza que configura a vida na rua, no

endereçamento de apelos à instituição. Na expressão “*Vê se me desimbaça*”, a legitimação de um pedido de que alguém possa conter e amenizar o “estado de embaçamento” em que se encontram os “meninos de rua”. Um apelo, no entanto, de outra ordem, posto ser veiculado pela palavra, o que corrobora a possibilidade da elaboração de um espaço psíquico na instituição, conforme sugere Kaes (2002).

Foi nessa perspectiva que desenvolvemos, a partir da experiência numa instituição de atendimento psicossocial (Olinda – PE), a pesquisa de dissertação de mestrado “*Vê se me desimbaça*”: do apelo à demanda de crianças e adolescentes em situação de rua (BARROS, 2009). O que por ora nos propomos é fazer uma leitura da expressão “*Vê se me desimbaça*”, sustentada em algumas formulações lacanianas acerca do esquema óptico e do grafo do desejo. Trata-se de compreender em que lugar as crianças e os adolescentes em situação de rua se colocam perante a instituição e, principalmente, em que ponto esta se situa de modo a viabilizar a construção de demandas e a autenticação dos apelos que lhe são endereçados.

Nas formulações sobre o esquema óptico, Lacan (1981) utiliza-se da experiência do “buquê invertido” de Bouasse, através da qual se faz possível, a depender do lugar do olho diante de um espelho côncavo, ver uma imagem real de um vaso com flores quando, de fato, ele não as contém. Constitui-se um mundo em que o imaginário pode incluir o real e em que o real, igualmente, pode incluir e situar o imaginário.

No intuito de formar a imagem das relações intra-subjetivas e situar a função do outro na dupla incidência do imaginário e do simbólico, Lacan (1981) introduz modificações no esquema, transformando-o no fenômeno do vaso invertido. Para que o olho – enquanto símbolo do sujeito – produza a ilusão do vaso invertido em condições ótimas, completa o dispositivo com um espelho plano – lugar do Outro. O sujeito agora só poderá ver a imagem real do vaso contendo as flores sob a forma de imagem virtual, por

intermédio do espelho plano, e se estiver situado no interior do cone simbólico. (LACAN, 1981). Vê-se, através desse esquema, que o sujeito virtual situa-se inicialmente fora do sujeito, do outro lado do espelho, o que aponta para a impotência primitiva do ser humano.

Na interpretação metafórica que faz do esquema óptico, Lacan considera o vaso como o invólucro que representa o corpo libidinal enquanto continência para seus objetos, desejos e instintos. Remete esse modelo ao estágio do espelho, à medida que pensa a relação especular e seu enodamento com o registro simbólico.

De uma imagem despedaçada do corpo, dá-se, numa espécie de “exercício triunfante” (LACAN, 1981, p.172) a apreensão do corpo enquanto unidade narcísica, a depender da posição do sujeito diante do espelho. Configura-se, assim, um processo identificatório que conduz o sujeito à ascensão do campo imaginário ao campo simbólico, campo da linguagem e do desejo, a partir da imagem do outro. Uma captura narcísica e uma relação imaginária que somente ocorrem na dependência do olhar do Outro, “[...] no gesto pelo qual a criança diante do espelho, voltando-se para aquele que a segura, apela com o olhar para o testemunho que decanta, por confirmá-lo, o reconhecimento da imagem, da assunção jubilatória em que por certo *ela já estava*” (LACAN, 1998, p.685).

Para que haja o reconhecimento e a identificação do eu com a imagem, é preciso que haja uma instância simbólica, o ideal do eu, responsável pela organização e coerência dessa realidade psíquica, designando as representações culturais, sociais e os imperativos éticos. Vê-se, portanto, uma passagem do eu especular para o eu social, ligando o sujeito, conforme assinala Lacan (1998), a situações socialmente elaboradas, “[...] momento que decisivamente faz todo o saber humano bascular para a mediatização pelo desejo do outro [...]” (p. 101), o que é perpassado por uma intermediação cultural, possível a partir do reconhecimento de um elemento terceiro, o Nome-do-Pai, sem o qual não se faria possível nenhuma relação intersubjetiva.

A consistência da ilusão depende do lugar do sujeito perante a imagem real, e, sobretudo, da inclinação do espelho plano, do Outro, que comanda a qualidade da imagem (DOR, 1995). Lacan (1981) supõe que a inclinação do espelho plano é comandada pela voz do Outro; é a relação simbólica que determina a posição do sujeito como aquele que vê. “É a palavra, a função simbólica que define o maior ou menor grau de perfeição, de completude, de aproximação, do imaginário” (p.165). Assim, da inclinação do espelho plano, da voz enunciada pelo Outro, depende que se possa ver mais ou menos perfeitamente a imagem – mais ou menos embaçada?

O acesso do sujeito ao imaginário depende, então, de sua situação no mundo simbólico – no mundo da palavra. É o lugar do sujeito no mundo da palavra, é a sua situação no mundo simbólico – as relações de parentesco, o nome (DARMON, 2007), o reconhecimento de um lugar no âmbito social, acrescentaríamos – o que determina se ele se situa no interior do cone simbólico ou não.

Se estiver no exterior do cone, já não verá o que é imaginário, pela simples razão de que nada do cone de emissão virá bater nele. Verá as coisas no seu estado real, inteiramente nu, quer dizer, o interior do mecanismo, e um pobre vaso vazio, ou flores isoladas, segundo os casos. (LACAN, 1981, p.97).

Na formulação elementar do grafo do desejo, vê-se que o sujeito é, antes de tudo, falado pelo Outro para que a ele possa, então, endereçar sua demanda. A demanda, inicialmente condicionada por uma necessidade, é endereçada ao lugar do Outro, lugar do código, onde terá uma significação atribuída. Destacamos, então, a necessária presença de um respondente (AULAGNIER, 1990), o Outro, que, como condição de existência da demanda, irá autenticar o seu conteúdo e autorizar a comunicação intersubjetiva, situando o sujeito no interior do cone simbólico.

A autora destaca que ainda “que o primeiro som emitido pelo *infans* seja o grito mais inarticulado, não impede que seja entendido pela mãe como ‘demanda de...’, ou seja,

como fala” (AULAGNIER, 1990, p.195). Mais adiante, afirma que “[...] qualquer manifestação de vida no sujeito (grito, movimentos de alegria, sinal de sofrimento) é interpretada pela mãe como um apelo, como uma mensagem da qual ela seria a destinatária, interpretação que por sua vez é forjada nos moldes de seu próprio desejo” (AULAGNIER, 1990, p.197). Na articulação com o esquema óptico, consideramos que a interpretação da mãe, a hipótese de um apelo nas manifestações da criança, dependem de, na inclinação do espelho plano, incluir a criança no interior do cone simbólico. É esse lugar, portanto, o que conduzirá à leitura e à autenticação da ordem do apelo, da demanda, ou do campo da necessidade em seu estado mais bruto.

É no nível da fala, na articulação entre a voz e o desejo, que a invocação, mediada pela palavra, se coloca (LACAN, 1999, p.85). A invocação do Outro como lugar de confirmação, implica um apelo do sujeito à voz, àquilo que sustenta a fala, situando-o não mais no registro da necessidade, mas no da demanda. O apelo, como essencial à palavra, constitui um suporte para o endereçamento de demandas ao Outro.

No que concerne às crianças e aos adolescentes em situação de rua, os apelos endereçados – em sua maioria, ainda desarticulados, como “gritos de socorro” sem voz – caem no vazio, dado o confronto com um real – pautado na exclusão e na violência – que não lhes confere o estatuto de sujeitos. Crianças e adolescentes, cujas imagens diante do espelho lhes aparecem despedaçadas, fora do cone simbólico, sem a continência do vaso, “embaçadas”, fadadas à marca de “menino de rua”, “trombadinha”, “cheira cola”.

Ao dizer “Vê se me desimbaça”, no entanto, o sujeito invoca o Outro. Há uma convocação do Outro através da palavra – diferentemente do modo como muitos outros apelos são endereçados, por meio da destrutividade –, o que nos faz pensar na conjunção do apelo com o que vai se esboçando como demanda; o apelo, portanto, como um suporte para a possibilidade da demanda.

Na referência ao esquema óptico e ao grafo do desejo, pensar a intervenção clínica e institucional com crianças e adolescentes em situação de rua implica situá-los no lugar do olho – enquanto símbolo do sujeito – e a instituição, enquanto Outro que é invocado, no lugar da confirmação, do espelho plano. Ao atribuir à (auto)destrutividade e à violência a significação de um apelo, consideramos que a instituição realiza a ajuda específica (FREUD, 1895) “que a criança atrai pelos seus gritos” (FREUD, 1926, p.85), demarcando a “passagem do eu especular para o eu social” (LACAN, 1998, p.101). A depender de sua inclinação, então, ela insere, numa mudança de lugar, as crianças e os adolescentes em situação de rua no cone simbólico, possibilitando, assim, na nitidez da imagem, a apreensão enquanto sujeitos, para além das contingências da vida nas ruas.

A partir da hipótese de um apelo que a instituição sustenta para os “gritos mais inarticulados”, situamos a aposta na emergência de um sujeito, na construção de “apelos falados”; a inscrição do sujeito no campo da palavra, fazendo advir o endereçamento de demandas, conforme apontamos com a expressão “Vê se me desimbaça”.

BIBLIOGRAFIA

AULAGNIER, P. **Um intérprete em busca de sentido –I**. São Paulo: Escuta, 1990.

BARROS, P.C.M. **“Vê se me desimbaça”**: do apelo à demanda de crianças e adolescentes em situação de rua. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-graduação de Psicologia. Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2009.

DARMON, M. Esquema Óptico In: CHEMAMA, R.; VANDERMERSCH, B. **Dicionário de Psicanálise**. Rio Grande do Sul: Editora Unisinos, 2007.

DOR, J. **Introdução à leitura de Lacan: Estrutura do Sujeito**, V. 2. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FORGET, J. M. **Os sintomas não são mais sintomas**. Trabalho apresentado no Congresso Internacional de Psicanálise. Recife: 2008.

FREUD, S. Projeto para uma Psicologia Científica (1895) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Inibições, sintomas e ansiedade (1926) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 20. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KAES, R. O interesse da psicanálise para considerar a realidade psíquica da instituição In: CORREA, O.B.R. (org.). **Vínculos e Instituições: uma escuta psicanalítica**. São Paulo: Escuta, 2002.

LACAN, J. **O Seminário: Os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1981.

_____. O estádio do espelho como formador da função do eu In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. **O Seminário: As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

SOBRE OS AUTORES

Paula Cristina Monteiro de Barros. Psicóloga; Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco (2009); doutoranda pela Universidade Católica de Pernambuco; Técnica da Assistência Social da Prefeitura Municipal do Recife.

Nanette Zmeri Frej. Psicanalista, Professora Pesquisadora do curso de Psicologia e de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco. Doutora em Psicologia pela Université Paris XIII; Pós-Doutora em Psicologia pela Université Paris VII; Membro da Association Lacanienne Internationale.

Maria de Fátima Vilar de Melo. Professora Pesquisadora do curso de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco; Doutora em Psicologia pela Université Paris V.